

Levantamento de grupos de percussão do Brasil e seu repertório

MODALIDADE: POSTER

Rodrigo Gudín Paiva

UNIVALI – Universidade do Vale do Itajaí

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas – rodpaiva@floripa.com.br

Alexandre Frederico Stoll

UNIVALI – Universidade do Vale do Itajaí - afrstoll@gmail.com

Fernando Augusto de Almeida Hashimoto

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas - fernando@fernandohashimoto.com

Resumo: O artigo apresenta uma pesquisa em andamento que tem como objetivo principal catalogar os Grupos de Percussão existentes no Brasil e também identificar o repertório musical que estes grupos executam. Após a realização de um levantamento bibliográfico, os dados foram organizados e classificados. Como resultado obteve-se um total de 27 grupos, com informações sobre seu repertório, localização e seu vínculo institucional, além de uma lista com 192 músicas de 140 compositores diferentes.

Palavras-chave: Grupos de Percussão Brasileiros. Catalogação de Repertório.

Survey on Brazilian percussion ensemble and their repertoire

Abstract: This article presents a research in route, which has as main goal to catalogue the percussion ensembles in activity in Brazil as well as to identify their repertoire. The main data was organized after a literature review. The output showed that 27 percussion ensembles are in activity in Brazil at this moment, including information about their repertoire, location e their institutional link, as well as a list of 192 works by 140 different composers.

Keywords: Brazilian percussion ensembles. Cataloging of repertoire.

1. A percussão, o percussionista e o grupo de percussão.

Para uma melhor compreensão do tema desta pesquisa em andamento, Grupo de Percussão, buscou-se inicialmente algumas definições sobre o que é instrumento de percussão, suas classificações e suas características, bem como a dimensão do universo que envolve esses instrumentos.

Para o Dicionário de Música Zahar (1985), os instrumentos de percussão são:

Instrumentos musicais em que o som se produz quando é percutida uma superfície ressoante. Incluem instrumentos capazes de serem afinados para determinado tom, como os tímpanos, o glockenspiel, o vibrafone, o xilofone, o carrilhão de orquestra, assim como os que não produzem sons com um tom definido, quais sejam a caixa clara, o bombo, o triângulo e os pratos. Outros efeitos sonoros especiais podem ser produzidos pela seção de percussão da orquestra através de castanholas, bigorna, guizos, chocalho, gongo, etc. (DICIONÁRIO DE MÚSICA ZAHAR, 1985: p. 182-183)

Segundo o Dicionário Grove de Música (1994), os instrumentos de percussão são:

Instrumentos executados sacudindo-se ou percutindo-se uma membrana, placa ou barra de metal, madeira ou outro material rígido. Um instrumento que produz som através de uma membrana é um membranofone; um instrumento cujo som é produzido a partir de seu próprio corpo em vibração é um idiofone. Os instrumentos de percussão podem ser divididos entre os que produzem som de altura determinada (p.ex., o xilofone e os tímpanos) e os que não o fazem (p.ex., o pandeiro e o triângulo). (DICIONÁRIO GROVE DE MÚSICA, 1994: p. 457-458)

Frungillo (2003) define instrumento de percussão como:

termo que designa os instrumentos cuja produção sonora é feita pelo choque de um artefato contra o outro de natureza ou estrutura diferenciada. Por extensão passou a designar instrumento entrechocado, sacudido, friccionado, raspado e picado. (...) Os instrumentos percutidos podem ser idiofônicos, membranofônicos ou cordofônicos. (FRUNGILLO, 2003: p. 252)

O mesmo autor identifica também o termo percussionista referindo-se a:

Nome do instrumentista que se especializa em executar os instrumentos chamados de percussão, mesmo que dentre eles não haja nenhum instrumento para ser percutido. Isso se deve ao fato de que em conjuntos instrumentais o músico responsável pela percussão (essencial em alguns casos) é o único disponível para tocar outros instrumentos que venham a ser incorporados na execução e não exijam, em princípio, grande habilidade de técnica pois são instrumentos que irão produzir efeitos musicais limitados. Por essa razão o percussionista deve desenvolver suas habilidades por meio de diferentes técnicas de execução além da percussão, como sacudir, rotacionar, friccionar, raspar e chocar. Deve ser capaz de atuar com certa independência de movimentos das mãos e, em algumas técnicas específicas, com os pés (caso do baterista). Sua atividade foi desenvolvida com maior frequência a partir do século XX, colocando esse instrumentista em posição de destaque nos conjuntos instrumentais, orquestras e mesmo como solista, resultado da busca dos autores modernos por um novo tipo de música e pelo uso de instrumentos que provocassem ou auxiliassem a mudança da linguagem musical. (FRUNGILLO, 2003: p.252-253)

Nesta última citação, percebe-se a dimensão do papel do percussionista frente a versatilidade exigida em termos de diferentes técnicas e instrumentação, assim como a sua inserção em diferentes contextos e grupos musicais.

Apesar das definições claras sobre instrumento de percussão, e sobre a figura do percussionista, o mesmo não ocorre quando a busca se dá pelo termo Grupo de Percussão. Tal termo não foi encontrado em nenhum dos dicionários acima citados. Mesmo assim, verifica-se na definição de outros termos referentes à percussão e ao percussionista aspectos em comum que podem levar a uma idéia mais clara sobre o que seria um grupo de percussão.

Frungillo (2003) define naipe de percussão da seguinte forma:

Seção instrumental composta pelos músicos responsáveis pela execução dos instrumentos de percussão e outros tradicionalmente a eles designados (chocalhos, instrumentos de choque, etc.). Integram as orquestras sinfônicas, de câmara, conjuntos populares e são predominantes e essenciais em conjuntos instrumentais como o Gamelão, escolas de samba, banda(s), etc. (FRUNGILLO, 2003: p.252)

Ainda recorrendo ao mesmo autor, quando em seu prefácio aborda questões sobre a terminologia da percussão:

No campo musical essa incorporação é tão abrangente quanto os instrumentos e técnicas de execução existentes. Com relação à percussão, esse fato é ampliado na medida em que, desde o final do século XX, ela tem se estabelecido no Ocidente como um grupo instrumental independente, seja pela valorização da música arcaica, seja pela busca de entendimento da sofisticada música oriental (rica em instrumentos de percussão) ou pela criatividade dos compositores. Quando focalizamos a percussão no final desse século, deparamos com centenas de instrumentos, milhares de composições e manifestações populares, inúmeras técnicas expressivas e de execução, o que nos obriga ao domínio de um repertório terminológico maior se desejarmos compreender melhor esse universo. (FRUNGILLO, 2003: p. ix)

Outros autores, que tratam da música de câmara, também ajudam na compreensão da dimensão da percussão no contexto dos grupos de percussão.

McCalla (1996), afirma que a partir de 1912 novos instrumentos, especialmente da família de percussão, começam a ter lugar na música de câmara por várias razões históricas e musicais, como a busca por novas combinações de timbres, por exemplo. Compositores como Stravinsky, Varèse, Cowell, Cage e Bartók são citados como tendo extrema importância nesse período.

Ainda com relação à busca dos compositores pela inovação através da percussão, Campanhã e Torchia (1978) afirmam:

No período Moderno, com o aparecimento do Jazz e outras inovações, o compositor começou a dedicar-se à busca de novos efeitos sonoros, que o levou a estranhas e fascinantes paragens de exóticas músicas de instrumentos de percussão. Daí para frente, estes instrumentos, não só se tornaram integrantes da orquestra, como também, começaram a ser introduzidos, pelos modernos compositores, na Música de Câmara. (CAMPANHÃ & TORCHIA, 1978: p.153)

Os mesmos autores acrescentam que além dos instrumentos de percussão de orquestra, tais como tímpanos, caixa, pratos, bombo, vibrafone, marimba e xilofone, os instrumentos de percussão folclóricos também são usados na música camerística, tais como: “agogô, atabaque, bongô, caixa de madeira, chocalho, cuíca, frigideira, ganzá, matraca, reco-reco, tamborim e outros, classificados como idiofônicos.” (CAMPANHÃ & TORCHIA, 1978: p.153)

Após as considerações feitas até aqui, no sentido de delimitar o universo desta pesquisa, e concordando com Hall (2008) que define o termo *percussion ensemble*: “usado em referência ao grupo de músicos que tocam músicas compostas exclusivamente para percussão” (HALL, 2008, p.2, tradução livre), optou-se por definir Grupo de Percussão como sendo: um agrupamento musical que reúne instrumentistas da área da percussão, com o

objetivo comum de performance e execução de composições musicais exclusivas para esses instrumentos, podendo ser de repertório e instrumentação dos mais variados (inclusive instrumentos não-convencionais), incluindo a percussão erudita, a percussão popular e a bateria.

Tal definição está em sintonia com aquelas encontradas em vários *releases* de grupos de percussão brasileiros, disponíveis através de páginas da internet. Diversas características em comum podem ser identificadas através dos textos de apresentação desses grupos, dentre elas destaca-se: repertório variado para percussão, envolvendo música erudita, música popular, pesquisa de obras consagradas e criação de obras inéditas; instrumentação variada envolvendo percussão erudita, popular, folclórica, bateria, instrumentos não convencionais e o uso do próprio corpo como instrumento; união com outras linguagens artísticas (Dança, Cênicas, Visuais, etc.); a busca pela formação e pelo aperfeiçoamento musical dos percussionistas, compositores, regentes e pela formação de platéia; a busca por uma maior divulgação da percussão e da riqueza cultural dos ritmos e da música brasileira. Além disso, destaca-se ainda que a maioria desses grupos está ligada ao ensino formal da percussão, através dos cursos de graduação em Música nas universidades, conservatórios, etc.

Foram excluídos desta pesquisa, portanto, outros agrupamentos musicais que possuem naipes de percussão, tais como escolas de samba, nações de maracatu e outros que não atuem apenas com composições exclusivas para instrumentos de percussão.

Com o panorama apresentado, espera-se que a delimitação do tema principal desta pesquisa esteja claro, mesmo que este universo, caracterizado por uma enorme diversidade, aponte para várias direções.

2. Surgimento dos grupos de percussão no Brasil

O primeiro grupo de percussão erudito (acadêmico ou de concerto) brasileiro nasceu dentro da UFBA no ano de 1964, sua idealização e realização estão ligados aos nomes de H.J. Koellreutter, Ernst Widmer e Walter Smetak, todos compositores e professores da instituição. O grupo era formado por alunos e professores, executava suas próprias composições e se chamava Conjunto Experimental de Percussão da UFBA.

O Grupo de Percussão de São Paulo foi o primeiro grupo profissional do Brasil, fundado por Ernesto De Lucca contava ainda com Claudio Stephan, Guilherme Franco e Cleon Adriano de Oliveira. Com peças dedicadas ao grupo, fazem estréias e temporadas de concertos.

Mas é na década de 1970 que existe um crescimento na área de percussão no Brasil. As composições de Marlos Nobre, principalmente *Rhythmetron* causam bastante impacto entre os compositores e percussionistas. O Conjunto Brasileiro de Percussão estréia no Brasil sua obra *Variações Rítmicas* em 1973 e esse mesmo grupo grava um disco com o nome Orquestra de Percussão do Rio de Janeiro com suas composições.

A criação de grupos de percussão está intensamente ligada a cursos de percussão nas instituições de ensino como universidades e conservatórios. Em 1973, Claudio Stephan cria o Grupo de Percussão do Conservatório do Brooklin Paulista, onde era professor desde 1971, quando foi convidado para elaborar o curso de percussão. O uruguaio Javier Calvino cria em 74 o Grupo de Percussão da Fundação das Artes de São Caetano do Sul e no mesmo ano funda o Grupo de Percussão do CDMDCC de Tatuí, o mais antigo ainda em atividade. Em 1978, o americano John Boudler vem para o Brasil para tocar na OSESP e criar o curso de percussão do Instituto de Artes do Planalto da UNESP, com o naípe de percussionistas da OSESP cria o Grupo de Percussão AGORA e dentro do curso da UNESP cria o PIAP.

Sobre o PIAP, Hashimoto (2003) escreve:

Em 1978 [John Boudler] funda na UNESP o Grupo de Percussão do Instituto de Artes do Planalto - PIAP, transformando o curso de percussão da UNESP no mais conceituado meio de aperfeiçoamento acadêmico-artístico de percussionistas no Brasil, bem como de incentivo e divulgação do repertório brasileiro para percussão.(...) O grupo PIAP se tornou ao longo de sua existência uma referência de grupo de percussão no Brasil. Possui diversas peças dedicadas e estreadas em seu currículo. (HASHIMOTO, 2003, p 89)

Após as considerações feitas até aqui a respeito dos termos, do contexto histórico e do surgimento dos grupos de percussão no Brasil, será apresentada a metodologia e os resultados da pesquisa que teve como objetivo principal catalogar os Grupos de Percussão existentes no Brasil e também identificar o repertório musical que estes grupos executam.

3. Metodologia

Como dito anteriormente, os grupos de percussão normalmente estão vinculados à alguma instituição de ensino superior. Por isso, pesquisou-se universidades que tivessem cursos de graduação em percussão e verificou-se se essas instituições mantêm um grupo de percussão ativo ou não.

Como etapas da pesquisa, primeiramente os dados foram coletados através de ferramentas da internet diversas, tais como: sites de busca, redes sociais, páginas das universidades e de artistas diversos, entre outros.¹

Após esta primeira busca, os dados obtidos foram organizados através de um arquivo para cada grupo contendo as seguintes informações: nome do grupo, perfil, repertório, contato, endereço eletrônico, além da sua localização (cidade, estado e região).

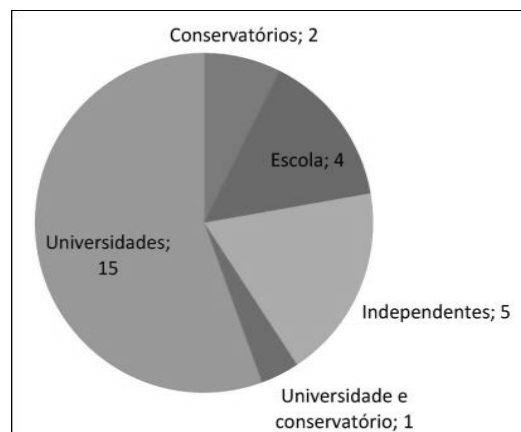
Em seguida, os dados foram classificados, através de tabelas e listas contendo as seguintes categorias: grupos profissionais ou independentes; grupos de universidades, grupos de conservatórios, grupos de escolas livres de música, grupos de projetos sociais.

Com relação ao repertório, logo após as primeiras buscas por informações a esse respeito, verificou-se que trata-se de um universo muito amplo de obras musicais. Então, privilegiou-se buscar informações em programas de apresentações e concertos, releases e CDs, organizando os dados através de estilo musical (repertório popular ou erudito), se os grupos interpretam obras já existentes, se os grupos compõem suas próprias músicas ou se eles fazem adaptações ou arranjos de repertório em geral.

4. Resultados

Na primeira etapa da pesquisa, foram levantados 56 nomes de grupos de percussão. Destes, obteve-se informações sobre 27 deles, sendo que 15 estão vinculados a universidades, 2 são de conservatórios, 2 grupos estão ligados a universidades e conservatórios e 4 são de escolas livre de música. Outros 5 grupos são independentes. A esta altura da pesquisa, são predominantes os grupos de universidades, pois foram os primeiros a serem pesquisados pela facilidade de obter dados através de suas páginas na internet.

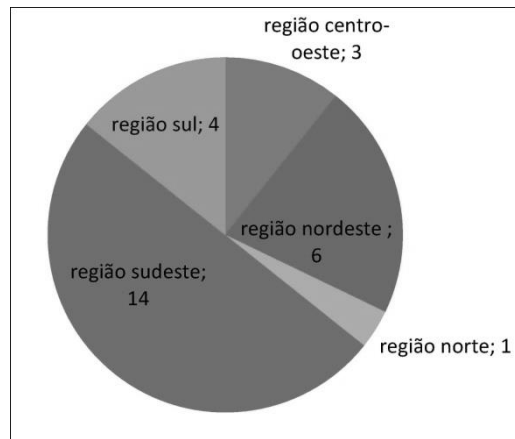
Gráfico 1



Total de grupos de percussão em atividade no Brasil, segundo o vínculo institucional.

Em relação a localização, temos 3 grupos na região centro-oeste, 6 na região nordeste, 1 na região norte, 14 na região sudeste e 4 na região sul. Vale destacar que dos 14 grupos da região sudeste, 8 são do Estado de São Paulo.

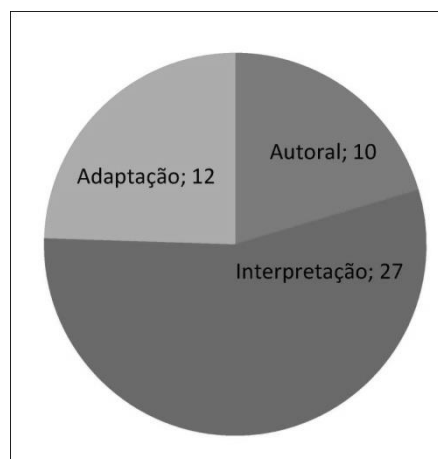
Gráfico 2



Total de grupos de percussão em atividade no Brasil, segundo a localização geográfica.

Quanto a classificação do repertório todos os 27 grupos interpretam peças escritas. 12 fazem adaptações e arranjos e 10 compõem suas próprias músicas. Foram encontradas 192 músicas de 140 compositores e arranjadores diferentes.

Gráfico 3



Total de grupos de percussão em atividade no Brasil que trabalham com interpretação, adaptação ou criação de repertório autoral.

5. Considerações finais

Ao buscar-se o levantamento dos grupos de percussão existentes no Brasil, verificou-se uma quantidade significativa de grupos e uma grande quantidade de músicas, compositores e arranjadores provando a existência de um universo ainda pouco documentado.

Em uma análise superficial do repertório, a qual deverá se aprofundar na continuidade desta pesquisa, nota-se a presença de obras consagradas, arranjos e adaptações de música popular brasileira e de compositores eruditos e uma quantidade relevante de novas obras e compositores.

Por isso, espera-se dar continuidade a esta pesquisa, aprofundando o levantamento dos grupos de percussão em atividade no Brasil, bem como as análises sobre a questão do repertório, buscando não apenas resultados quantitativos, mas qualitativos, em termos do processo de criação de novas obras musicais voltados para o universo da música para percussão em grupo.

Referências

CAMPANHÃ, Odette F.; TORCHIA, Antonio. *Música e conjunto de câmara*. São Paulo: Ricordi, 1978.

DICIONÁRIO DE MÚSICA ZAHAR. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985.

DICIONÁRIO GROVE DE MÚSICA: edição concisa. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1994.

FRUNGILLO, Mário D. *Dicionário de percussão*. São Paulo: Ed. UNESP, 2003.

HALL, John Richard. *Development of the percussion ensemble through the contribution of the latin American composers Amadeo Roldán, José Ardevol, Carlos Chávez and Alberto Ginastera*. Ohio, 2008. [94 p.] Tese de doutorado em Música. Ohio State University.

HASHIMOTO, Fernando Augusto de Almeida. *Análise musical de “Estudo para instrumentos de percussão”, 1953, M. Camargo Guarnieri*: primeira peça escrita somente para instrumentos de percussão no Brasil. Campinas, 2003. [144 p.] Dissertação de mestrado em Música. Universidade Estadual de Campinas.

McCALLA, James. *Twentieth-century chamber music*. New York and London: Routledge, 1996.

¹ Os sites de busca, de relacionamentos e sites específicos de divulgação artística musical mais utilizados foram: Google, Youtube, Facebook, Orkut, My Space, Palco MP3.